

# «Tudo é graça»

## *Lectio divina* de Mt 19,30-20,16

ARMINDO DOS SANTOS VAZ\*

Muitos cristãos exercem na Igreja em geral, nas próprias comunidades paroquiais, em Movimentos e instituições eclesiais, várias funções e cargos de serviço, em que gastam tempo, dinheiro, viagens..., sem remuneração. Que lhes diz o trecho do evangelho de Mt 19,30-20,16? Por outro lado, nos meios religiosos dá-se grande relevo ao facto de acreditar ou não acreditar em Deus. Mas mais importante ainda é a imagem do Deus em que se acredita: é o Deus incomensuravelmente bom para com todos os humanos ou é o Deus da ordem e da lei, que faz contas e com quem há que fazer cálculos para saber com que contar ao encontrarmo-nos com Ele? É o Deus amigo incondicional ou é o Deus justiceiro que paga 'por conta'? Uma ou outra imagem de Deus pode tornar-se experiência gozosa e libertadora ou converter-se em neurose corrosiva do *ser* humano.

Mt 19,30-20,16 contém a essência do evangelho de Jesus e do cristianismo. Aprofundamo-la seguindo o itinerário da *lectio divina*, em homenagem ao Excelentíssimo Senhor Prof. Doutor D. Pio Gonçalo Alves de Sousa e com amizade para com ele.

---

\* Faculdade de Teologia – UCP (Lisboa).

## 1. *Lectio*: Leitura compreendida

19,<sup>30</sup>«Muitos dos primeiros serão os últimos, e muitos dos últimos serão os primeiros. 20,<sup>1</sup>Com efeito, o Reino do Céu é semelhante a um proprietário que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha. <sup>2</sup>Ajustou com eles um denário por dia e enviou-os para a sua vinha. <sup>3</sup>Saiu depois pelas nove horas, viu outros na praça, que estavam sem trabalho, <sup>4</sup>e disse-lhes: 'Ide também para a minha vinha e tereis o salário que for justo.' <sup>5</sup>E eles foram. Saiu de novo por volta do meio-dia e das três da tarde, e fez o mesmo. <sup>6</sup>Saindo pelas cinco da tarde, encontrou ainda outros que ali estavam e disse-lhes: 'Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?' <sup>7</sup>Responderam-lhe: 'É que ninguém nos contratou.' Ele disse-lhes: 'Ide também para a minha vinha.' <sup>8</sup>Ao entardecer, o dono da vinha disse ao capataz: 'Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até aos primeiros.' <sup>9</sup>Vieram os das cinco da tarde e receberam um denário cada um. <sup>10</sup>Vieram, por seu turno, os primeiros e julgaram que iam receber mais, mas receberam, também eles, um denário cada um. <sup>11</sup>Depois de o terem recebido, começaram a murmurar contra o proprietário, dizendo: <sup>12</sup>'Estes últimos só trabalharam uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós, que suportámos o cansaço do dia e o seu calor.' <sup>13</sup>O proprietário respondeu a um deles: 'Em nada te prejudico, meu amigo. Não foi um denário que nós ajustámos?' <sup>14</sup>Leva, então, o que te é devido e segue o teu caminho, pois eu quero dar a este último tanto como a ti. <sup>15</sup>Ou não me será permitido dispor dos meus bens como eu entender? Será que tens inveja por eu ser bom?' <sup>16</sup>Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.»

Que mensagem queria comunicar este texto aos leitores imediatos de Mateus? Irá emergindo ao longo do itinerário gradual da *lectio divina*. Mas desde logo tomemos consciência do tipo de texto que lemos.

Estamos habituados a chamá-lo *parábola*, a forma literária mais distintiva da comunicação de Jesus com os seus ouvintes. Será?

A parábola tem uma forma característica de comunicar. Quer surpreender o leitor com uma situação fora do comum: um proprietário que elogia a astúcia desonesta, um pai que acolhe em festa o filho esbanjador e debochado, virgens sábias que não cedem azeite a quem lho pede... E geralmente é provocante, para levar o ouvinte a interpretá-la e a tomar posição, envolvendo-o nas redes da narrativa, sem que ele se aperceba, e abrindo-o a tomar partido por uma ou por outra personagem. Compromete o ouvinte com uma pergunta implícita ou explícita: «Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Disse ao primeiro: filho, vai trabalhar hoje para a minha vinha. Ele respondeu: não vou. Mas depois

mudou de ideia e foi. Disse o mesmo ao segundo. Ele respondeu: vou, senhor. Mas não foi. Qual dos dois cumpriu a vontade do pai?» (Mt 21,28-31).

A parábola era uma forma didáctica que induzia os ouvintes a pensarem de novo a sua relação com Deus. Isso sobressai nas parábolas com um *duo*: na que acabamos de referir, na do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14) e na parábola do pai misericordioso com dois filhos (Lc 15,11-32), em que o filho mais velho está para o fariseu como o filho pródigo está para o publicano.

Ora, realmente são esses os ingredientes que encontramos nesta história. Portanto, é uma **parábola**.

A interpretação mais habitual situa-se na linha da justiça do proprietário, ou na falta dela, para com os operários. É certo que, se a mensagem passa pela história em si, pelos sentimentos que desperta, ela tem um ponto culminante na situação dramática final do pagamento aos operários por parte do proprietário da vinha ao fim do dia. Ele cumpre o estabelecido no Dt 24,15: «Dá ao trabalhador o seu salário no próprio dia, antes do pôr-do-sol, porque ele é pobre e espera-o com ansiedade». Tem um comportamento provocatório, surpreendente e desconcertante, sobretudo para os parâmetros e princípios de justiça com que as sociedades modernas estipulam contratos de trabalho. Parece não respeitá-los. Aparentemente é arbitrário, pouco lógico, injusto. Muito generoso para com os que tinham trabalhado uma só hora, comparativamente não teve em conta os méritos dos que trabalharam todo o dia.

Mas esta parábola versa sobre a justiça equitativa? A sua linguagem figurativa não pode ser entendida à letra. E o comportamento do proprietário, marcando uma viragem radical relativamente ao modo habitual de pensar, faz irromper na trama narrativa outra lógica, virando-a noutra direcção, sugerindo pensamentos, relações e acções novas. O proprietário não pode ser criticado de injustiça. Não enganou ninguém. Pelo contrário, foi generoso. Dando a todos a jorna completa, superou a justiça retributiva, sem a beliscar, sem tirar a uns para dar a outros. Só não tomou em consideração os méritos. Deu a recompensa de forma livre e gratuita. Em todo o caso, beneficiou os últimos relativamente aos primeiros.

Quem são os **primeiros**? Convidados da primeira hora, representam os judeus, depositários das promessas divinas e beneficiários da aliança com Deus desde Abraão. Os **últimos** representam os convertidos do paganismo a Jesus e também os pecadores amados por Jesus, considerados pelo judaísmo de então os últimos entre os homens: só muito mais tarde, isto é, no tempo de Jesus, tomaram conhecimento da história de salvação acontecida no povo de Israel.

Analisando o texto com o método da «crítica literária», podemos ver na formulação do mesmo princípio repetido imediatamente antes e ao fim da parábola

um caixilho ou «inclusão semítica». Imediatamente antes da parábola (19,30): «muitos, embora sejam primeiros, serão últimos, e, embora sejam últimos, serão primeiros». Ao fim da parábola (20,16): «assim, os últimos serão primeiros e os primeiros serão últimos». Entendendo os adjectivos como concessivos, a frase do início ganha sentido e enquadra-se bem na parábola que segue, exprimindo a igualdade entre todos os membros da comunidade cristã.

A insistência que se pode ver neste enquadramento torna-se chave de leitura na explicação da parábola. Sugere que os operários da primeira hora não se podem considerar superiores aos novos membros da comunidade cristã. Nem o reino de Deus revelado por Jesus é propriedade deles. O maior rendimento e o serviço prestado pelos membros da comunidade cristã não geram situação de privilégio nem se tornam fonte de mérito em ordem à salvação, porque estar ao serviço do amor é resposta a um chamamento gratuito. A pretensão do mérito produz divisão e inveja («estes últimos só trabalharam uma hora e deste-lhes a mesma paga que a nós...; tens inveja por eu ser bom?»). O chamamento gratuito espera uma resposta desinteressada <sup>1</sup>.

Para avançarmos na compreensão da mensagem do texto, procuramos descobrir quem representam as personagens, o proprietário e os trabalhadores, e qual a relação entre si. No itinerário da *lectio divina*, passamos para o patamar da contemplação e da meditação: que aspecto do mistério de Deus revela esta narrativa?

## 2. Contemplação e meditação

O nome de Deus nem uma só vez é mencionado. Não obstante, Ele está por trás de cada palavra e de cada gesto do proprietário da vinha. No fundo está subjacente uma imagem de Deus, que Jesus queria corrigir com a parábola. O povo judeu, catequizado pelos sacerdotes e pelos doutores da Lei, tinha esquecido o Deus bondoso, misericordioso, amigo fiel, esposo, anunciado pelos profetas. Pensava Deus demasiado «à medida do homem», como um legislador e um juiz, que castigaria e daria o prémio, segundo o comportamento da gente era bom ou mau. Consequentemente, via a relação com Ele como a de servos para com um patrão, que exigem d'Ele o prémio por ter cumprido a sua vontade. Segundo essa lógica, Deus não daria gratuitamente. Seria preciso merecer a recompensa. Isto correspondia à atitude do filho mais velho para com o pai na parábola do pai misericordioso (Lc 15), que pensava a relação com ele segundo a lógica de direitos, obrigações e méritos, em vez de segundo a lógica do amor gratuito.

---

<sup>1</sup> Cf. J. MATEOS – J. CAMACHO, *El evangelio de Mateo* (Cristiandad; Madrid 1981) 196-198.

Ora, é essa ideia de relacionamento com Deus que Jesus quer subverter e inverter com a parábola dos chamados para trabalhar na vinha. A bondade de Deus é insondável e não se ajusta aos nossos cálculos no que diz respeito à relação com Ele. O amor de Deus não se conquista, não se compra com boas obras. É dom gratuito e tem de ser recebido gratuitamente. E Deus não é um patrão pagador mas um pai que ama, como os humanos não são para ele servos que vivem na lógica do contratual e do salário, mas filhos que vivem na lógica do amor e da graça. É a denúncia clara da religião que propõe acumular méritos para assegurar a salvação eterna, aquele tipo de religião inculcado pelos guias religiosos de Israel e subentendido por muitos cristãos, porventura até hoje. Jesus propõe a passagem da lógica do mérito para o mundo da gratuidade, que é a raiz do amor e o segredo do reino de Deus.

Apesar desta catequese sobre a mensagem central da fé cristã, o cristianismo teve dificuldade em captá-la e em vivê-la. Na Europa católica, especialmente na França, desde o séc. XVII reinava o *jansenismo*, movimento católico que propunha uma piedade austera, feita de rigor moral, do exercício de duras penitências e das mais cruéis privações, para ganhar méritos para o prémio do céu. Em certas Ordens religiosas, quem não usava cilício era considerado pouco fervoroso. O jansenismo granjeou muitos adeptos em todos os ambientes, até nos conventos. Durou três séculos na França e na Itália. Mas o seu espírito alastrou por todo o lado <sup>2</sup>.

Essa mentalidade religiosa sublinhava especialmente o atributo de Deus juiz, de Deus que adiciona e subtrai, regista e recompensa os méritos. Fazia pensar que se deveria dar a Deus para que depois Ele também desse. Punha-se a iniciativa humana a preceder a acção salvífica de Deus, considerada como prémio. Sem o dizer, a ascese custosa via-se como condição para a santidade.

Houve um convento célebre, o Carmelo de Lisieux, que se deixou impregnar por este espírito jansenista. No fim do séc. XIX estava lá uma religiosa mais célebre, S. Teresinha, que não se sentiu atraída para essa espiritualidade jansenista. Descrevendo a história da sua alma, rezava:

À lei do temor sucedeu a lei do Amor, e o Amor escolheu-me... a mim, fraca e imperfeita... Ó Jesus! Bem sei, o amor só com amor se paga. Por isso, procurei e encontrei a maneira de aliviar o meu coração dando-Te Amor por Amor <sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O jansenismo remonta ao teólogo e bispo holandês Cornélio Jansen (*Jansenius*, em latim), 1565-1638. Cf. G. DUMEIGE, «Storia della spiritualità», *Nuovo dizionario de spiritualità*, a cura di S. DE FIORES – T. GOFFI, (Paoline; Roma 1982), 1565-1566.

<sup>3</sup> Manuscrito B 3vº.

Esta sua descoberta estava em perfeita consonância com o sentido mais genuíno dos textos bíblicos, nomeadamente da nossa parábola. Teresa não descobriu nenhuma verdade nova; a experiência do Deus-Amor não é só a essência do seu magistério, mas também o coração de toda a revelação bíblica, concentrada especialmente nos evangelhos e em Paulo. O que Teresa fez foi repropô-la com linguagem nova, simples, viva e convincente.

De forma surpreendente para o seu tempo, Teresa estava assim a captar o sentido mais correcto da expressão «Deus justo» na Bíblia. «Justiça de Deus» no Antigo Testamento não consiste em que Deus deva alguma coisa ao homem: é o que Deus se deve a si mesmo em vista do bem que quer para o homem. A justiça de Deus prolonga a sua fidelidade: consiste em realizar os seus compromissos com os humanos e em manifestar assim a sua fidelidade à aliança com eles. Deus manifesta-se justo cumprindo para com o povo as Suas promessas. A sua justiça não se define propriamente por referência a um credor (que seríamos nós): é fidelidade do amor a si mesmo por amor ao homem. Ou seja, Deus é justo, não quando castiga, mas quando salva e dá de graça.

Portanto, a justiça de Deus ou salvação do homem é devida só na medida em que Deus se obriga a si próprio a ser fiel ao homem: é (de) graça. A única condição para beneficiar da ‘amnistia’ de Deus é a fé activa em Jesus como Ungido de Deus. Esta forma de actuar de Deus para connosco é tão nova que até pode parecer injusta, como pareceu aos vinhateiros da primeira hora. Com esta parábola, Jesus coloca-nos no horizonte do reino de Deus, que supõe uma maneira nova de ‘ver’ o bem, a justiça, o amor.

Teresa, conduzindo em contramão relativamente à corrente espiritual do seu tempo, intuiu na leitura da parábola que a «justiça de Deus» é amor gratuito.

A própria justiça [de Deus] (e talvez mais ainda que qualquer outra perfeição divina) me parece revestida de *amor*... Que doce alegria pensar que Deus é *Justo*, isto é, que tem em conta as nossas fraquezas! <sup>4</sup>.

Assim, Teresa de Lisieux regressava à pureza do evangelho. O seu espanto perante a gratuidade do amor de Deus deu-lhe a entender que a medida do valor de cada acção humana é o amor. Ela percebeu que o melhor culto que se pode prestar a Deus é confiar no seu amor gratuito, que ela pôs no centro da

---

<sup>4</sup> Manuscrito A 83v<sup>o</sup> e 84r<sup>o</sup>. Repare-se como Teresa, muito certamente, entende Deus «justo» como quem «perdoa com tanta bondade».

sua mensagem. Disse-o em 1897, quatro meses antes de morrer: «tudo é graça»<sup>5</sup>. E cantava a mensagem da parábola nesta poesia:

Meu Bem-amado, a minha fraqueza é extrema...  
Mas... em cada instante me dás a tua graça.  
Vivo de Amor...  
Viver de Amor é dar sem medida,  
Sem reclamar salário aqui na terra.  
Ah! sem contar eu dou-me, bem segura  
De que, quando se ama, não se conta!...  
Nada tenho senão a minha única riqueza:  
Viver de Amor<sup>6</sup>.

Na base da história de cada um de nós está um dom: a vocação a trabalhar na vinha do Senhor. É uma das descobertas fundamentais no caminho da vida cristã<sup>7</sup>.

### 3. Em vista da acção

Com esta parábola, exclusiva de Mateus, o evangelista dirigia-se a cristãos convertidos do judaísmo, habituados à mentalidade farisaica. Sugere que os tempos novos inaugurados por Jesus exigem homens novos...; que na vinha de Deus recebemos de graça e trabalhamos de graça, como resposta ao amor de Deus que foi primeiro. A nossa salvação é dom absoluto de Deus. Não temos crédito diante d'Ele, como pensava o fariseu ao lado do publicano cobrador de impostos (Lc 18,9-14). A nossa relação com Deus não se regula pelo «toma lá, dá cá» ou pelo «dou para que dê», mas pelo amor gratuito. O trabalho na vinha do Senhor, que é vida em acção, não se vende: seria prostituí-lo. Não se trabalha pelo desejo de recompensa, mas para servir os demais. Não se trabalha na Igreja para gerar desigualdade, mas para procurar a igualdade e fraternidade entre as pessoas. A resposta positiva dos que aceitam trabalhar na vinha significa pôr-se ao serviço uns dos outros, gerando uma comunidade de amor. Isso equivale a seguir Jesus. A parábola ensina a não confundir Deus com os nossos esquemas religiosos e morais, a deixar Deus ser maior do que nós, a deixá-lo ser Deus.

---

<sup>5</sup> O «Caderno amarelo», 5.6.4.

<sup>6</sup> Poesia 17,5-7.

<sup>7</sup> Cf. J. A. PAGOLA, *El camino abierto por Jesús*. 1: Mateo (PPC; Madrid 2011<sup>4</sup>) 211-217; G. ZEVINI – P. G. CABRA (eds.), *Lectio divina per ogni giorno dell'anno* 13 (Queriniana; Brescia 1999) 202-206.

Que Deus seja bom e ame gratuitamente não é motivo para viver na libertinagem, dentro do «vale tudo» e com o pensamento de que, ao fim, tudo será sanado ou perdoado e possivelmente até serei beneficiado em relação aos que se comportaram bem toda a vida. Alguns cristãos (que provavelmente se consideram «justos») acham que os chamados no último instante e se salvam «à tangente», que «trabalharam menos» e gozaram mais a vida, mandriões e oportunistas, não deveriam tomar parte no reino dos céus como os que foram fiéis toda uma vida. Mas essa visão da fé é mesquinha. Só julga assim quem imagina o relacionamento com Deus em termos de um contrato com leis a cumprir e preceitos custosos a observar e onde a recompensa seria feita segundo justiça equitativa, por mérito e demérito: a fidelidade teria prémio e a maldade teria castigo. Quem, pelo contrário, pensa que o reino de Deus é uma festa e um banquete entra para ele quanto antes, porque não quer perder nenhum instante da alegria que lhe é oferecida e de que ele pode gozar. Quem sente que estar envolvido pelo amor de Deus dá felicidade quer participar dela desde a primeira hora. Sabe que cada instante que a esposa está sem o Esposo é um momento de amor desperdiçado.

Por isso, vale a pena ser trabalhador da primeira hora, introduzir os filhos na Igreja pelo baptismo quanto antes, levá-los à catequese. De pequeninos habitua-se a tomar o gosto às realidades da fé. De resto, ninguém se pode considerar superior ao outro por «ter mais tempo de casa», por praticar o evangelho mais fielmente. Todos somos igualmente trabalhadores da mesma vinha e para o mesmo Senhor.

A recompensa não está em questão. O próprio Jesus diz que está garantida: «e o teu Pai, que vê no oculto, te dará a recompensa» (Mt 6,4-18). O que está em questão é a motivação para fazer o bem: não é para obter um passaporte para o paraíso; é por amor gratuito. Dizer que a recompensa só é dada por ter feito uma obra boa – segundo a mentalidade judaica do tempo de Jesus – é decretar o fim da relação de amor gratuito, é acabar com o melhor da vida humana. A grande recompensa é a felicidade de estar com Deus («filho, tu estás sempre comigo!») – dizia o pai ao filho mais velho na parábola do ‘filho pródigo’. Recompensa é a alegria de estar do lado do bem, é o gozo indescritível de fazer e partilhar generosamente o bem com uma pessoa e sentir a felicidade dela. É a melhor forma de agradar e de ser estimado. O que é verdadeiramente nosso – «pega no que é teu e segue o teu caminho» – é o chamamento [que temos de ouvir] de Deus para participar na sua vida, é a possibilidade de nos darmos às pessoas. Infeliz, «invejoso» é quem não reconhece o dom.

Introduzir na nossa relação com Deus o critério de justiça retributiva, de contabilidade, do registo dos méritos e das transgressões deforma profundamente a fé. O relacionamento de Deus conosco dá-se no amor sem condições. Quem ama só quer a alegria e a companhia da pessoa amada. E Deus não olha

tanto para o que foi feito mas para o coração com que foi feito. Fazer o bem, não porque está mandado, mas porque é bom e faz bem.

#### 4. Oração

Rezamos com S. Teresa de Lisieux, que apanha os sentimentos que a parábola quer comunicar:

Ó meu Deus! Desejo amar-Vos e fazer-Vos amar... Desejo cumprir plenamente a vossa vontade e chegar ao grau de glória que me preparastes no vosso Reino; numa palavra, desejo ser santa. Mas conheço a minha impotência e peço-Vos, ó meu Deus, que sejais Vós mesmo a minha santidade... Agradeço-Vos, ó meu Deus, todas as graças que me concedestes... Não quero acumular méritos para o Céu, quero trabalhar só por vosso Amor, com o único fim de Vos agradar... e de salvar almas que Vos amarão eternamente. Na noite desta vida aparecerei diante de Vós **com as mãos vazias**, pois não Vos peço, Senhor, que conteis as minhas obras. Todas as nossas justiças têm manchas aos vossos olhos. Quero, portanto, revestir-me com a vossa própria justiça e receber do vosso amor a posse eterna de Vós mesmo. Não quero outro trono, nem outra coroa, senão Vós, ó meu Bem-amado!... A fim de viver num acto de perfeito Amor, ofereço-me... ao vosso amor misericordioso <sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Oração 6.